

Sexualidade feminina: ontem, hoje e amanhã

5

Mabel Cavalcanti*

Optei hoje por abordar um tema que considero relevante para a Mulher: Sexualidade Feminina - Ontem, Hoje e Amanhã.

É um assunto atual, oportuno e interessante, e pretendo discorrer sobre ele de forma simples, sem pernosticismo, ficando o mais próximo possível da intimidade feminina. Ter uma espécie de cumplicidade de mulher para mulher, embora isso não implique necessariamente excluir o homem do nosso universo. Acredito sinceramente que o homem pode e deve enriquecer esse universo.

Partindo desse pressuposto, proponho fazer um passeio através da História e das diversas culturas, descobrindo as variações de condutas femininas, e como a mulher, vencendo reveses e uma série de barreiras, chegou aos dias atuais, empunhando uma bandeira de vitória, de igualdade, de companheirismo e de integração ao Homem, de tal forma que possamos vislumbrar um mundo novo, onde a Paz, a Harmonia e o Amor autêntico sejam o nosso prêmio e motivação maior.

* Cesex. Psicóloga. Terapeuta Sexual.
Recebido em 08.03.98

Neste rápido passeio histórico-cultural que pretendo fazer, peço licença para dar uma parada naqueles estágios da humanidade, em que figura feminina se sobressaiu, quer seja de maneira positiva ou negativa.

E é interessante observar que muitas das perguntas atuais sobre a sexualidade feminina já foram, de algum modo, questionadas por nossas ancestrais.

Isso significa que a sexualidade que vivemos atualmente nada mais é do que “aquilo que a humanidade fez dela, ou que foi obrigada a fazê-lo” em face a uma série de variáveis circunstanciais.

Para situar melhor essa evolução, podemos enfocar a sexualidade sob seu triplice aspecto:

1. Reprodução;
2. Prazer; e
3. Comunicação Amorosa.

No que concerne ao primeiro item, embora o terra esteja envolto em muita nebulosidade, tudo faz crer que, nas fases mais antigas, o Homem ainda não associava sexo com gravidez. Para eles a gestação era algo mágico, presente dos Deuses aos homens, cujos méritos se medium em função da fertilidade da terra. Daí porque a sementeira, nas tribos que iniciaram atividades agrícolas, era função feminina.

Quando começou realmente a revolução agrícola, o valor da mulher adquiriu maior proporção e se firmou. É claro que essa revolução não se deu ao mesmo tempo em todos os locais, em todas as tribos, mas é a partir daí que o número da prole tornou-se importante e a preocupação com a fecundidade aumentou de dimensão.

A mulher, então, passou a ser venerada por sua capacidade procriativa como fonte primária da vida. E as deusas da Fertilidade proliferaram.

Nessa etapa mágico-religiosa é a religião que universalizava a cultura. Os ritos religiosos nos quais abundavam as oferendas, as danças, as cantigas e os sacrifícios se multiplicavam.

Como a morte estava vinculada à violência e à perda de sangue, o valor deste fica vinculado à vida e os rituais de sangue ocorriam com frequência.

A menstruação era algo mágico e inexplicável e daí surgir o temor em torno dela, criando tabus. A mulher menstruada é algo com que eles não sabem lidar e passa a ser evitada. O tabu da impureza que ainda hoje vigora entre judeus ortodoxos tem origem, portanto, nos primórdios da humanidade.

Por sinal, a menstruação possuía um significado tão forte, que durante muito tempo algumas tribos da Austrália instituíram, no ritual da puberdade masculina, um ato sangrento - um corte perto do escroto - que concedia direitos semelhantes aos rapazes a às raparigas púberes.

Até então, o homem não representava elemento fundamental no processo reprodutivo e por isso o matriarcalismo imperava em algumas tribos.

A supremacia do macho, quando ocorria, se dava apenas pela violência a pela força física, buscando a mulher apenas no intuito de extravasar suas tensões. Como o modelo de coito era sistematicamente o modelo primata, havia pouca chance da mulher obter orgasmo e a valorização das nádegas era um grande atrativo erótico. Daí, as Vênus pré-históricas possuírem ancas tão arredondadas e volumosas. Parece que ainda hoje, nós latinos, preservamos esse padrão de beleza, enquanto outros povos cultuam os seios.

Aos poucos, porém, a conscientização do papel do homem, na reprodução, foi surgindo. Inicialmente acreditavam na função *mecânica* no processo reprodutivo. Remanesceência disso é a crença existente entre os povos BUKA das ilhas Salomão, que, embora desconhecendo o poder criador do sêmen, acreditavam que a introdução do pênis na vagina era importante para a mulher ficar grávida.

Tannahill, porém, afirma que foi quando o homem se tornou pastor e observou o cruzamento dos animais, levando em conta a relação coito x gravidez que fez o Homem perceber seu extraordinário poder reprodutor.

Surgia aí o machismo e todo o império feminino decaía. Todo o esquema se inverteu. Justificava-se a poligamia e a arrogância masculina. “Meus filhos”, “Minhas mulheres”, eram a tônica.

As deusas femininas deram lugar aos deuses masculinos e o culto ao pênis, como talismã contra a infertilidade, se tornou uma norma cultural.

Em épocas diversas e em culturas diversas, o simbolismo do pênis em ereção tem sido a expressão do poder.

Esse fato tem, inclusive, infelicitado a vida de muitas pessoas, rotuladas de “impotentes” (sem poder) pelo simples fato de portarem um distúrbio eretivo de qualquer dimensão. É como se todo *poder* de um homem se concentrasse apenas numa resposta puramente reflexa. Daí, se diz comumente que a cabeça de um homem funciona bem se o seu pênis tem bom desempenho, enquanto que, para a mulher, a ordem é inversa.

Sua resposta sexual é adequada e prazerosa se a sua cabeça tem bom funcionamento.

Ora, nessa passagem através dos tempos vamos encontrar outras perspectivas sexuais para a mulher.

Se ela já foi venerada como única fonte de vida, e depois passou a ser um mero receptáculo para o desenvolvimento fetal, chegou o momento em que ela passou a ser vista como colaboradora no processo da criação.

Contudo, a idéia da colaboração da mulher no processo criativo, inicialmente, não implicava o direito ao prazer, mesmo porque a falta de orgasmo não impede a concepção.

Muitas culturas e correntes ortodoxas religiosas ainda cultuam esse tipo de idéia, levando mulheres inférteis e/ou menopausicas a verdadeiros conflitos e sentimentos de culpa, desesperados. Afinal, a *reprodução* é um compromisso assumido com a espécie e isso passa a ter supremacia. Se ela não pode gerar, também não tem direito a ter prazer.

Vale agora nos determos um pouco em considerações sobre o enfoque do sexo-prazer.

E é na Grécia Antiga que podemos distinguir com detalhes significativos essas manifestações da sexualidade humana.

Os gregos chegaram a dar nomes distintos a:

- EROS - prazer carnal
- ÁGAPE - amor puro, prazer espiritualizado
- FILOS - afeição, amizade.

EROS é biologia pura, é reflexo, é medular. Seu imperativo é egoístico; falta-lhe humanização. Deseja variação constante.

ÁGAPE é altruísta, personalizado, é corticalização crescente. Exige permanência.

FILOS é amizade, companheirismo, cumplicidade. Os gregos diferenciavam tanto os extremos, que chegavam a dicotomizar o ser humano, com:

Ser animal e
Ser racional.

A dissociação cresceu de tal modo, que eles admitiam vivenciar uma sexualidade na família - sexo- *reprodução*, algumas vezes aliada ao

companheirismo com a esposa, e o *sexo-prazer*, vivenciado com prostitutas refinadas (as heteras) ou com prostitutas de bordéis.

Essa dicotomia ainda persiste na cabeça de muitos homens, que ainda se acham presos a um estágio primitivo de seu desenvolvimento psicofísico, alienante e irresponsável, e em que a valorização do outro e de si mesmo, como um ser psicossomático, único e indivisível, seja substituído pela superficialidade de relacionamentos fáceis e imediatistas.

E a Grécia, com seu domínio cultural, influenciou Roma e o Cristianismo nascente, deixando como herança a idéia da existência de um amor-sexual (inferior) e de um amor-espiritual (superior), ainda hoje cultuados por crenças moralistas conservadoras.

Admitir essa dicotomia é olhar o ser humano de uma forma fragmentada e canhestra, na qual funções do corpo são consideradas indignas e animais, enquanto que tudo que é nobre vem da alma. E é baseado nessa dualidade cartesiana que consideram a sexualidade como algo sujo e indigno.

Isso de fato nos parece um paradoxo. Como um amor inferior pode gerar um amor superior? Porque sem sexo não há indivíduo e sem indivíduo não haverá o amor humano espiritual.

Não resta dúvida que dentro dessa ótica há possibilidade de se ver o sexo como sujeira e até como transgressão, evitando-o sempre que for possível.

No outro extremo, situam-se os cartesianos não-moralistas que entendem o sexo e a sexualidade como fonte única e absoluta de prazer, puramente reflexa, num “aqui e agora”, exigente e fugaz.

Nesse caso, buscam compulsivamente estímulos novos, posições extravagantes, afrodisíacos e outras parafernalias que garantam o desempenho fisiológico pleno.

O que podemos dizer é que, embora com enfoques diferentes, os dois se completam e, aliando-se ao Filo, tornam-se globalizantes e humanizam o Amor.

É interessante observar que do ponto de vista moral essas duas concepções, aparentemente opostas, prevalecem através dos tempos. Ora, indulgente e tolerante, ora repressiva e tirânica, usando o pecado e vergonha como forma de controle.

Um fato, porém, é verdadeiro e tem atravessado os séculos. A tirania e a repressão têm vitimado muito mais as mulheres, enquanto a indulgência e a tolerância acobertam os homens.

E foi seguindo esse estereótipo que se desenvolveu a imagem da boa mulher, tão cultuada pelas religiões e aplaudida pela platéia machista.

A mulher *santa ou demônio* perdeu a dimensão de seu verdadeiro papel como ser humano, tornando-se ora objeto de adoração, fonte de virtudes e de aceitação incondicional das expectativas do seu amo e senhor, ora execrada como fonte de todo mal, perversa e maquiavélica.

A mulher ideal tornou-se uma escrava e prisioneira dentro de uma redoma, preço que lhe foi exigido em troca do respeito e de um Amor mutilado.

Por isso mesmo se diz que o casamento ainda representa significado diferente para o homem e para a mulher, e isso tem provocado tantos desencontros e infelicidades.

Para o homem, o casamento é um acordo de solidez, desde que sejam respeitados seus direitos de ir e vir.

Esquece do vínculo, quando isso lhe for conveniente, e pode olhar em qualquer direção sem ser questionado. Dessa forma, a mulher garantirá direitos de vivenciar o paraíso de sua companhia, que lhe está sendo oferecido de forma tão magnânima.

Reminiscência de um Patriarcalismo ancestral, a mulher tem alimentado essa postura através dos séculos, sentindo uma necessidade visceral de ser subjugada, realizando a fantasia do poder do macho. Só assim ela seria a mulher perfeita, digna de ser amada porque simbolizaria o altruísmo e a prestabilidade em todas as situações que lhe forem exigidas.

E o slogan: “Atrás de um grande Homem tem sempre uma grande Mulher” passava a ser o seu maior orgulho.

Jamais pretendiam ficar *ao lado* de um grande homem, e aí daquelas que se arvoravam em ter esse direito.

Com isso, enquanto o homem direcionava a sua vida, a mulher entregava as rédeas da sua, numa relação de inferioridade, em nome do AMOR. Submeteu-se aos jazerres do parceiro, aos amigos do parceiro, a ajudá-lo profissionalmente e até a receber salários indignos quando começou a surgir a possibilidade de profissionalização.

No campo sexual, mesmo depois do advento dos anticoncepcionais, e da conseqüente liberação feminina, ainda, se observam as seqüelas da ditadura masculina. A mulher adquiriu o direito de dizer com quem quer ter sexo e quando quer, mas, nas relações de afeto, o homem ainda usa a força física ou as diferenças fisiológicas para tiranizá-la. E esse drama lhe parece desespetador.

Hoje, porém, o quadro geral da sexualidade feminina tem começado a mudar, assumindo nuances diversas. Depois da violenta reação do feminismo exacerbado do início do século, a consciência feminina começa a tomar forma e a se definir sem pretensão de ser vencedora nem vencida.

A alienação passada dá lugar à certeza de que precisamos olhar para dentro de nós mesmas, a fim de encontrarmos a verdadeira auto-estima e a magnitude do nosso poder, de tal forma que atingiremos a harmonia com a natureza, com o cosmos e, por consequência, com o nosso parceiro.

Chegamos à conclusão de que a desarmonia existente até então entre os casais, se deve apenas ao descompasso do crescimento homem/mulher, e que apesar de o homem se achar o centro do Universo e o poder decisório final, ele continua passivo afetivamente.

Ele apenas aprendeu a ser amado, enquanto a mulher desenvolveu sua capacidade de amar, e disso resultou que tivemos poucas chances de um companheirismo autêntico e honesto, sendo estabelecida uma relação mãe/filho, com mulheres superprotetoras que escondiam falhas e davam colo a toda hora.

Deixamos nossos homens, atrofiados e imaturos...

Felizmente o momento atual é de conscientização, em que a mulher observou que os caminhos a serem trilhados para o desenvolvimento harmônico do casal devem ser outros.

Percebeu que, sendo o homem um ser psicossomático, sua sexualidade, para ser perfeita, exige uma manifestação global.

Ela entendeu que as sensações eróticas adquirem uma dimensão maior na medida em que atingem o âmago do seu psiquismo, emergindo de dentro de si, num só ritmo de energia, em que o ser Homem ou ser Mulher perderam o sentido da dualidade e se confundem numa comunicação absoluta e plena de corpos e de espíritos.

O homem também começa a acordar e a tomar uma nova postura frente a essa nova mulher. Tem buscado trocas. Ele tem que encarar uma relação distinta daquela que ele aprendeu, embora muitos ainda resistam a essa mudança, buscando acordos mais fáceis com parceiras menos conscientes e menos evoluídas. Disso resulta, porém, que eles próprios ficam insatisfeitos e decepcionados com esse tipo de relacionamento, capenga e mutilador.

Nessa mudança de papéis, nós mulheres, pagamos por vezes um alto preço, assistindo ao rompimento de muitos relacionamentos estáveis, quando começamos a ter algum êxito.

É que alguns homens não perceberam que o nosso propósito não é demonstrar que eles são dispensáveis ou inferiores, mas que nós também somos úteis e temos uma mensagem a transmitir. É a mensagem da auto-valorização feminina, da auto-estima, afirmando que somos verdadeiras em sentido global e que o momento de provar isso já chegou. É hoje, é agora!

E, ao sermos ouvidas, estaremos por certo, resgatando o verdadeiro sentido do Amor e da Sexualidade saudável.

De todo esse passeio que demos através da História para entender a evolução do comportamento sexual feminino, ficou uma grande lição.

Sexo, simplesmente como prazer, ou simplesmente como forma de reprodução, dão uma idéia incompleta da sexualidade e não satisfazem ao ser humano. E nós, mulheres, estamos bem conscientes disso.

Ele é as duas coisas, não resta dúvida; mas, numa concepção mais profunda e evoluída, ele é acima de tudo uma forma de Comunicação - ele é AMOR.

Como diz Berne, “a humanidade deu um grande salto ao separar os prazeres do sexo de seu propósito biológico meramente reprodutivo. E é o ser humano a única forma de vida desse planeta que pode fazer tais arranjos. Arranjos que poderão levá-lo a um patamar mais sólido. Quebrando barreiras do seu isolamento psicofísico, o homem pode se prolongar no outro, como uma forma mística de COMUNHÃO PRIMORDIAL. É sexo como COMUNICAÇÃO-AMOROSA. É diversão, é prazer e é êxtase. E *comunicação* traduz aí toda verdade e autenticidade do sexo, tornando-se possível planejar a reprodução e vivenciar o prazer.

É a soma global de EROS e ÁGAPE.

E, como qualquer outra atividade humana que envolva mais de uma pessoa, em SEXAMOR faz-se necessário uma retroalimentação de informações. “E esse feedback amplia a estimulação erótica.”

É, portanto, o Amor que, através do diálogo, nos fornece uma visão renovada de um mundo novo, e do que representa o Homem e a Mulher dentro desse mundo.

A mulher de hoje tem suas exigências, mas ela se tornou muito mais magnânima e companheira do que a mulher de ontem.

Ela perdoa certas incapacidades do homem para lhe proporcionar bens materiais; perdoa até certas desatenções externas, como abrir a porta de um carro, e etc. Compreende algumas infidelidades, mas não perdoará jamais uma falta de atenção para com seu *eu espiritual*, uma ofensa à sua dignidade.

A necessidade de se sentir amada, não pelo que ela representa, mas pelo conteúdo espiritual do *seu eu*, torna-se cada vez mais intensa, quanto mais consciência ela tem de si mesma, como individualidade.

E é essa visão do ENCONTRO Homem/Mulher que surge como proposta para a Mulher do amanhã. Ela está aberta para esse Encontro, esperando apenas, que o Homem venha em sua direção - inteiro e autêntico.

A Mulher que hoje se apresenta como o protótipo da Mulher do amanhã, da Mulher ano 2000, não se satisfaz com um homem dicotomizado, fluido e inconsistente.

Ela espera mais, porque sendo capaz de dar Amor, ela aguarda o receber de coração aberto, irmanada em valores comuns, em que a cumplicidade se dê em todas as dimensões, em que a sexualidade seja vivenciada como expressão do eterno e em que as diferenças se somem, fazendo crescer as potencialidades, dos dois e de cada um.

Se nós, homens e mulheres, formos capazes de transmitir e captar a mensagem do outro, num contexto maior de AMOR, viveremos a plenitude da sexualidade, dando e recebendo prazer, num clima de respeito e decisões mútuas.

Só assim poderemos dizer que o sexo se tornará a forma mais criativa, mais prazerosa, mais íntima e mais perfeita da Comunicação Humana e em que aprenderemos o “Dar e Receber”, como uma constante.

Acredito que sempre existirá no mundo a esperança da reinvenção do Sexamor, no qual as pessoas desconstruídas possam um dia operar o milagre de aprofundar sua intimidade e atingir a emoção perfeita da verdadeira identidade compartilhada.

Acredito, portanto, que sempre haverá *Esperança e Fé* para quem quer amadurecer no *Amor*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERKO, C. e KRESTAN, J. *Boa demais para seu próprio bem*. Ed. Rocco, 1992.
2. CUNHA, P. *Sexamor*. Ed. Nórdica, 1982.
3. EHRHARDT, U. *Meninas boazinhas vão para o céu, as más vão à luta*. Ed. Objetiva Mulher, 1996.

4. GREGERSEN, E. *Práticas sexuais - A história da sexualidade humana*. Ed. Roca, 1983.
5. HOHNSON, R. *She*. Ed. Mercúrio, 1987.
6. LERER, M. LUIZA. *Hacerse mujer...* Beas Ediciones, 1993.
7. MONTGOMERY, M. *Mulher: o negro do mudo*. Ed. Gente, 1997.
8. NORWOOD, R. *Mulheres que amam demais*. Ed. Best Seller, 1985.
9. ROGERS, N. *A mulher emergente*. Ed. Martins Fontes, 1984.
10. SHAEWITZ, M. H. *A síndrome da super-mulher*. Ed. Record, 1986.